

# O EFEITO DA EXPERIÊNCIA DO TREINADOR DE FUTEBOL EM JOVENS ATLETAS

**Artur Santos, Carlos Gonçalves**

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Correspondência: Artur Santos, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Estádio Universitário, Pavilhão 3, 3040-156 Coimbra, Portugal. telefone: (00351) 239802770, fax: (00351) 239802779, email: arturjsantos@yahoo.com.br

Submetido para publicação em 20 de setembro de 2012.

Aceite para publicação em 24 de outubro de 2012.

## Resumo

*O desporto pode servir como meio educativo dos jovens atletas, com o treinador a ter um papel importante nas experiências desportivas dos mesmos. O presente estudo propõe-se a: a) identificar um perfil de comportamento dos treinadores com base na experiência; b) verificar o efeito da experiência do treinador nas atitudes desportivas e motivação dos atletas; c) descrever as perceções dos atletas relativamente às atitudes desportivas, orientação motivacional, e dos comportamentos dos treinadores. Foram observados 6 treinadores de Futebol de escalões de formação e os respetivos atletas responderam aos questionários de perceção do comportamento do treinador, de Orientação para o Ego e Tarefa e das Atitudes no Desporto. Verificamos que o nível de experiência do treinador não tem efeitos sobre a comunicação com os atletas em competição. Todos os treinadores privilegiam comportamentos de reforço positivo, instrução técnica geral e comunicação geral. Os treinadores experientes utilizam mais a comunicação geral, enquanto os treinadores inexperientes o reforço positivo e a instrução técnica geral.*



**Palavras-chave:** Treinador, comportamento, motivação, atitudes, desportivas.

## THE EFFECTS OF SOCCER COACH EXPERIENCE IN YOUTH SOCCER PLAYERS

### Abstract

*The sport context can serve as informal education system, where the coach has an important role in the youth athletes sport experiences. The present study pretends: a) verify the coach behavior profile based in the experience; b) verify the effect of coach experience in the athlete's motivation and sport attitudes;*

c) describe the athlete's perceptions about the sport attitudes, motivational orientation and coach behaviors. We observed 6 soccer coaches from the formation level and the respective athletes responded to the questionnaires about coach behavior, Task and Ego Orientation and Sport Attitudes. It was verified that the coach experience level does not have effects in the coach-athlete communication in competition. Independently of the coach experience all the coaches showed more Positive Reinforcement, General Technical Instruction and General Communication. The experienced ones revealed more General Communication, and the inexperienced ones showed more Positive Reinforcement and General Technical Instruction.

**Key words:** coach, behaviors, motivation, attitudes, sport

## INTRODUÇÃO

O envolvimento no contexto desportivo por parte dos jovens atletas permite-lhes o estabelecimento de relações com diversas pessoas que influenciam o seu desenvolvimento (e.g., psicológico, social, físico). Deste modo, o jovem indivíduo em desenvolvimento adquirirá normas e valores, os quais são estimulados e reforçados através de interações sociais. Contudo, nem sempre a participação desportiva é fonte de influências positivas para o jovem atleta, podendo mesmo levar a comportamentos de risco e ao consumo de drogas (Martha *et al.*, 2009; Primack *et al.*, 2010) e a comportamentos considerados anti-sociais (e.g., agressão, batota) (O'Brien *et al.*, 2011; Gonçalves e Coelho e Silva, 2010).

A preocupação com a aquisição de valores e atitudes desportivas levou a que o Sports Council do Reino Unido solicitasse um instrumento que medisse o construto do *Desportivismo*. Neste sentido, Lee (1996) desenvolveu o *Sport Attitudes Questionnaire* (SAQ-2), em consonância conceptual com os modelos propostos de desportivismo (Vallerand *et al.* 1996) e *fair-play* (Boixadós e Cruz, 1995). A importância do desporto enquanto meio educativo e promotor de desenvolvimento positivo do jovem revela a necessidade de estudar as influências resultantes do envolvimento no contexto desportivo nas atitudes desportivas dos jovens futebolistas.

Porém, para o jovem atleta estar sujeito às influências provenientes do contexto é necessário que este esteja envolvido num programa desportivo por períodos longos de tempo. A motivação é um factor importante para a adesão e manutenção do indivíduo no desporto. O modelo teórico de motivação de (Nicholls, 1989) tem vindo a ser utilizado no desporto, recorrendo ao *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ) de Duda (1989) que mede as duas dimensões (ego, tarefa). Este modelo perspetiva que os atletas orientados para a “Tarefa” preocupam-se principalmente em melhorar as capacidades e habilidades individuais, dando pouca relevância à vitória (Hardy *et al.*, 1996), revelando maior desportivismo (Dunn & Dunn, 1999), maior mestria, demonstração de habilidade, preparação física/mental e apoio social (Liao *et al.*, 2004).

Enquanto os atletas orientados para o “Ego” têm como factor motivacional a comparação da sua performance com as de outros participantes e atribuem enorme ênfase à vitória na competição (Hardy *et al.*, 1996). Horn (2002), verificou que os atletas que têm uma alta orientação para o ego e uma baixa percepção da habilidade, são potenciais candidatos ao abandono desportivo. O seu objectivo de obter reconhecimento pode levar a comportamentos que protegem a auto-valorização, tal como a escolha de tarefas fáceis, baixo esforço e persistência, e estratégias de evasão. Deste modo, os atletas que estejam a ter experiências de fracasso podem adotar comportamentos antidesportivos e pouco éticos, com vista a alcançar o sucesso. O treinador tem capacidade para influenciar o clima motivacional do processo de treino, pelo que a promoção de um clima orientado para a tarefa se apresenta como benéfico para o desenvolvimento do jovem atleta. Além de que Smith *et al.* (2007) defendem que a promoção de um clima orientado para a tarefa e menos orientado para o ego diminui a ansiedade dos atletas.

O papel desempenhado pelo treinador no decorrer do processo de treino é preponderante no desenvolvimento do jovem atleta, que o vê como um adulto modelo. O modo como este planeia, gere e age influencia as vivências desportivas dos atletas e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento pessoal. A formação e experiência são consideradas como características determinantes do treinador para uma relação pedagógica positiva e para o sucesso (Richeimer e Rodrigues, 2000), bem como as próprias características dos atletas (e.g., qualidades físicas, técnicas, psicológicas).

Jones (2006) define os treinadores novatos/inexperientes como aqueles com menos de 3 anos de experiência profissional, sendo este um meio de caracterizar os novatos. Porém, os treinadores novatos, ao desempenharem a sua função e na tentativa de demonstrar mérito, centram-se mais na aprendizagem das regras e das normas que governam a vida no seu novo local de trabalho, isto é, da organização desportiva, levando-os a seguir as regras e procedimentos organizacionais, particularmente aquelas centradas no estabelecimento da ordem e gestão do ambiente de prática. Nesta fase, este tipo de treinadores está mais preocupado em regular o comportamento do atleta do que em transmitir novos conhecimentos.

Jones *et al.* (1997) verificaram que os treinadores experientes exibem mais instruções técnicas e que os inexperientes exibem maior frequência de observação silenciosa. E no que respeita à tomada de decisões interativas, os resultados indicaram que ambos os treinadores, experientes e inexperientes, implementavam os treinos conforme planeado, apesar dos primeiros serem mais relutantes à alteração dos planos quando percecionavam problemas. Apesar destas diferenças, os treinadores experientes e inexperientes exibem grandes similaridades. Em estudos anteriores verificou-se que atletas orientados por treinadores treinados obtêm mais prazer da sua experiência desportiva, fazem uma avaliação mais positiva dos seus companheiros de equipa e do treinador, demonstram aumentos significativos da auto-estima em geral ao longo da época desportiva,

e revelam uma taxa abandono desportivo cinco vezes menor ao longo da época quando comparados com os atletas que jogam para treinadores não formados (Barnett *et al.*, 1992; Smith *et al.*, 1979; Smoll *et al.*, 1993). Segundo Smith *et al.* (2007) a demonstração de mais comportamentos positivos por parte dos treinadores com formação aumenta a percepção de segurança e tranquilidade dos atletas.

O Sistema de Avaliação de Conduta de Treinadores (*Coach Behavior Assessment System, CBAS*), de Smith *et al.* (1977) permite obter dados que descrevam o perfil comportamental dos treinadores no decorrer do treino ou da competição através da observação sistemática do comportamento e da análise da comunicação verbal. Este sistema recorre a registos audiovisuais, sustentando-se em estudos preliminares e partindo do pressuposto que os comportamentos dos treinadores se dividem em dois grandes grupos: a) *reativos*, quando se traduzem em respostas imediatas a acções de um atleta ou de toda a equipa; b) *espontâneos*, quando resultam de iniciativa do treinador não relacionada com uma acção precedente.

Em estudos anteriores, que recorreram ao CBAS, verificou-se que os treinadores demonstravam mais comportamentos de Reforço Positivo, Instrução Técnica Geral e Ânimo Geral (Smith *et al.*, 1979; Smith *et al.*, 1983).

A importância da relação entre treinador-atleta no desenvolvimento do jovem atleta leva-nos a estudar as influências da experiência do treinador na motivação e nas atitudes desportivas dos jovens atletas de futebol.

Neste sentido, o presente estudo tem como objectivos: a) identificar um perfil de comportamento dos treinadores com base na experiência; b) verificar o efeito da experiência do treinador nas atitudes desportivas e motivação dos atletas; c) descrever as percepções dos atletas relativamente às atitudes desportivas, orientação motivacional, e comportamentos dos treinadores.

## MÉTODOS

### *Participantes*

A amostra foi constituída por 6 treinadores dos escalões iniciados (sub-14) e juvenis (sub-16) de futebol masculino, tendo sido subdivididos em dois subgrupos, experientes e inexperientes, com os primeiros a terem experiência de preparação e orientação de equipas superior a três anos e os últimos com um tempo inferior.

A amostra dos atletas (n=106) foi composta pelos atletas sob orientação dos treinadores observados (55 orientados por treinadores inexperientes e 51 orientados por treinadores experientes).

### *Instrumentos*

Para avaliar a orientação para a realização de objetivos foi aplicado o *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ) (Chi & Duda, 1995), o qual é composto por 13 itens, e

foi obtido para a versão Portuguesa por Fonseca e Biddle (1996). As atitudes face ao desporto foram avaliadas com recurso ao *Sport Attitudes Questionnaire* (*Questionário de Atitudes face ao Desporto/SAQ*) de Lee e Whitehead (1999), na versão portuguesa, traduzida e validada por Gonçalves *et al.* (2006), o qual é composto por 23 itens que avaliam quatro factores: Empenho, Convenção, Batota, Anti-desportivismo. Os participantes responderam a TEOSQP e SAQP em escala de Likert de 1 a 5, em que: 1 = *discordo totalmente*, 2 = *discordo*, 3 = *não concordo nem discordo*, 4 = *concordo*, 5 = *concordo totalmente*.

O *Coach Behavior Assessment System* (CBAS), de Smith *et al.* (1977), é sustentado por estudos preliminares; identificam-se doze categorias de comunicação, das quais seis são dirigidas ao atleta individualmente e integram três dimensões comportamentais dos treinadores: a) Sustentadora, que engloba (1) *reforço positivo (RP)* e (2) *ânimo ao erro (AE)*; b) Instrutiva, com (3) *instrução técnica geral (ITG)* e (4) *instrução técnica ao erro (ITE)*; c) Punitiva, integrando (5) *punição* e (6) *instrução técnica punitiva (ITP)*. Das restantes seis categorias do CBAS, duas reflectem a indiferença do treinador face a acções, positivas ou negativas, do atleta: (7) *não reforço (NR)*; (8) *ignorar o erro (IE)*. As outras quatro exprimem comunicação direcionada para a equipa ou para outros presentes: a) iniciativas destinadas a prevenir ou sanar episódios de disciplina: (9) *manter o controlo (MC)*; b) intervenções de encorajamento da equipa: (10) *ânimo geral (AG)*; c) intervenções de melhoramento ou alteração da organização da equipa: (11) *organização geral (OG)*; d) comunicação direcionada a não participantes na competição e não se relacionando com esta: (12) *comunicação geral (CG)*. A observação do treinador é complementada por um questionário que procura discernir as percepções dos atletas sobre os comportamentos do seu treinador, o qual foi obtido para versão portuguesa por Gonçalves (2007). O instrumento CBAS possui 11 itens, correspondentes às categorias observadas, sendo apresentado aos atletas com uma escala de Likert de 1 a 5, em que: 1 = *nunca*, 2 = *quase nunca*, 3 = *poucas vezes*, 4 = *quase sempre*, 5 = *sempre*. Os respondentes foram os jogadores das equipas observadas e os itens do questionário correspondem às categorias observadas.

### *Procedimentos*

O presente estudo teve a aprovação pela respectiva Comissão de Ética, bem como a autorização dos treinadores e parental para participação no estudo.

Foram registados em vídeo 18 jogos, 3 por treinador, na fase regular do campeonato nacional e regional. As intervenções do treinador foram registadas mediante a utilização de microfone remoto e receptor. As gravações de cada um dos jogos foram analisadas por dois observadores diferentes e os dados registados em grelha de observação própria.

O número de jogos observados por treinador seguiu as indicações de Cruz (2003), destinando-se a minimizar as particularidades inerentes a jogos com adversários, resultados ou incidências específicas e a revelar um padrão habitual de intervenção do treinador.

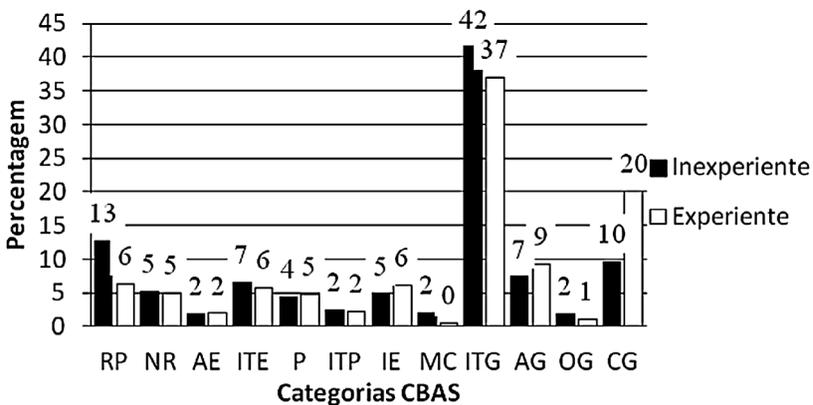
O grau de concordância entre observadores foi avaliado através do *índice*  $\kappa$  de Cohen (Cohen, 1960). Os valores nas observações dos três jogos de cada treinador situaram o *índice*  $\kappa$  entre os 0.54 e 0.61, o que, de acordo com Landis e Koch (1977), denota uma concordância entre observadores de moderada a boa.

*Tratamento dos dados*

Na análise das grelhas de observação de jogos, foram consideradas as ocorrências por categoria e as percentagens do total de ocorrências que cabem a cada categoria. Procedeu-se à estatística descritiva e ao Teste t para testar o efeito da experiência do treinador sobre as respostas dos atletas aos questionários TEOSQ e SAQ, recorrendo-se para tal ao programa SPSS, versão 14.0.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na generalidade, todos os treinadores privilegiam as categorias *reforço positivo (RP)*, *instrução técnica geral (ITG)* e *comunicação geral (CG)*, que representam quase 90% do total dos episódios registados. Porém, os treinadores revelam diferenças entre si no modo de atuação, podendo ser um efeito das próprias características individuais dos treinadores. Todos os treinadores, à exceção do treinador C (apresenta mais *CG*), apresentam mais comportamentos de *ITG*, conforme foi observado por Bloom *et al.* (1999) e Cruz (1997). Deste modo, os treinadores demonstram mais comportamentos espontâneos, dando orientações aos jogadores no decorrer do jogo, com o intuito de prever ou controlar as jogadas, preparando os atletas para a acção. Também se verificaram diferenças entre treinadores na categoria *CG*, demonstrando a interacção dos treinadores com indivíduos próximos a estes (árbitros, assistência junto ao banco, jogadores suplentes) em detrimento de dar instruções técnicas. Os treinadores D e E apresentaram uma percentagem superior a 10% na categoria *RP*, diferenciando-se dos outros treinadores.



**Figura 1.** Percentagens das categorias do CBAS para os grupos de treinadores experientes e inexperientes.

Se compararmos os subgrupos de treinadores experientes e inexperientes (Fig. 1) verifica-se que os principais comportamentos são a ITG e a CG, sendo a última mais utilizada pelos treinadores experientes do que pelos inexperientes. Isto poderá ser originado pela percepção do treinador experiente de que a informação não chega aos atletas devido à distância entre o treinador e o atleta, à colocação de voz do treinador, entre outras circunstâncias. A experiência enquanto treinador também poderá permitir que estes estejam a comunicar com outras pessoas, mas estejam atentos e interventivos no decorrer do jogo. Foram verificadas diferenças superiores a 10% entre treinadores do mesmo subgrupo, nas categorias ITE, ITG e CG, tornando-se difícil definir um perfil de treinador experiente ou inexperiente. Os treinadores B e F evidenciam diferenças dentro dos subgrupos, o primeiro por ser muito inferior, o segundo por ser muito superior da percentagem na categoria CG. Os treinadores B e D são os elementos dos respectivos subgrupos que registam a percentagem mais baixa nesta categoria, mas apresentam maior percentagem na ITE relativamente aos subgrupos, dando mais atenção à correção e mudança das ações dos seus atletas.

As diferenças entre treinadores inexperientes e experientes, com frequência superior a 10% no RP, podem ser atribuídas ao facto de ao formar e ensinar os treinadores de jovens atletas que é importante apresentar comportamentos positivos para aumentar a auto-estima e a motivação dos jovens atletas, os treinadores inexperientes poderem vir a atribuir mais ênfase a este tipo de comportamento com o intuito de criar melhor ambiente de treino (Berliner, 1994).

Os resultados revelam como característica comportamental dos treinadores a ITG e o RP, indo de encontro aos resultados de outros estudos (Horton *et al.*, 2005; Bloom *et al.*, 1999), revelando que estes atribuem importância à execução técnico-tática, bem como aos comportamentos de reforço positivo. Os últimos podem ser resultado de uma formação que aborde a vantagem da promoção de ambientes positivos, como por exemplo, o aumento da auto-estima do indivíduo (Berliner, 1994). Os treinadores observados demonstraram baixos níveis de comportamentos de AG (7% treinadores inexperientes, 9% treinadores experientes) contrariamente ao verificado por Smith *et al.* (1979) e Gonçalves *et al.* (2010) que referem o AG como um dos três principais comportamentos exibidos pelos treinadores. A diferença nos tipos de intervenções dos treinadores, entre o nosso estudo e o de Gonçalves *et al.* (2010), pode ser devido às exigências contextuais das modalidades, como é a cultura organizacional, as regras de jogo, as condições espaciais, entre outras. A área de jogo no futebol é maior, provocando uma menor dinâmica do jogo comparativamente com o jogo de basquetebol, onde a rapidez das ações técnico-táticas é superior. Outro aspecto que pode estar na origem destas diferenças, é a facilidade entre o contacto dos treinadores de futebol com outras pessoas, uma vez que os bancos de suplentes estão no limite do terreno de jogo, enquanto no Basquetebol, os pavilhões desportivos tendem a ter áreas que mantém a área dos suplentes afastada do público.

Daí que estudos futuros deverão examinar e comparar influências organizacionais (e.g., condições espaciais de treino e competição, cultura organizacional) no comportamento dos treina-

dores, e consequentemente, no desenvolvimento dos jovens atletas. Apesar de haver algumas diferenças, ambos os tipos de treinadores exibem grandes similaridades, tal como nos estudos de Jones *et al.* (1997).

**Tabela 1.** Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito da experiência do treinador sobre as respostas dos jovens ao TEOSQp e SAQp

	Inexperientes (n=55)		Experientes (n=51)		P
	Média	DP	Média	DP	
Tarefa	4.24	0.54	4.26	0.51	n.s.
Ego	2.00	0.81	1.81	0.71	n.s.
Batota	2.68	1.11	2.50	1.10	n.s.
Antidesportivismo	3.33	0.92	3.03	0.95	n.s.
Convenção	3.67	0.95	3.99	0.74	n.s.
Compromisso	4.60	0.37	4.48	0.48	n.s.

n.s. (não significativo). \*( $p \leq 0.05$ ). \*\*( $p \leq 0.01$ )

No que respeita à influência da experiência do treinador sobre a resposta dos jovens atletas ao SAQ e TEOSQ (Tabela 1), não foram verificadas diferenças nas dimensões medidas, refletindo a semelhança nos comportamentos exibidos pelos treinadores durante a competição. Porém, é de realçar que os atletas demonstram baixos níveis de orientação para o ego e altos níveis de orientação para a tarefa, o que é considerado como positivo, visto a sua correlação positiva com auto-estima, desportivismo, demonstração de habilidade e manutenção do envolvimento desportivo (Horn, 2002).

Ao realizar uma análise aos itens dos questionários, apenas se verifica que os itens 1 e 11 do SAQp são superiores no subgrupo de inexperientes em relação aos experientes (Tabela 2), sendo o inverso nos itens 6 e 17. Isto poderá indicar que os atletas de treinadores inexperientes percebem que se empenham, enquanto que os atletas dos treinadores experientes percebem que planeiam mais a forma de desenvolver as suas competências e têm uma menor percepção do esforço exercido no decorrer do processo de treino. Estas diferenças poderão ser efeito dos comportamentos dos treinadores e do modo de funcionamento do programa desportivo, devendo futuras investigações ter atenção aos momentos de treino e de competição.

Os resultados do TEOSQp confirmam as preocupações de Sage e Kavussanu (2007), da complexidade das orientações para a realização de objetivos e a necessidade do estudo aprofundado dos seus múltiplos construtos mediadores. Este instrumento, ao centrar-se no atleta, não permite analisar outras fontes que influenciam a motivação, como é o caso dos pais e colegas, pelo que tal se apresenta como uma limitação do estudo.

No que respeita à percepção dos atletas sobre o comportamento dos treinadores (Tabela 3), foram verificadas diferenças entre os atletas orientados por treinadores inexperientes, os quais

**Tabela 2.** Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito da experiência do treinador sobre as respostas dos jovens ao SAQp.

	Inexperientes (n=55)		Experientes (n=51)		P
	Média	DP	Média	DP	
1 Vou a todos os treinos	4.76	0.47	4.27	0.80	**
2 Às vezes perco tempo a perturbar os adversários	2.56	1.12	2.39	1.25	n.s.
3 Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	2.91	1.34	2.71	1.54	n.s.
4 Cumprimento os adversários após uma derrota	4.35	0.99	4.16	1.08	n.s.
5 Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	2.47	1.32	2.08	1.31	n.s.
6 Dou sempre o meu melhor	4.36	0.95	4.63	0.60	*
7 Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	3.49	1.41	3.45	1.29	n.s.
8 Cumprimento o treinador adversário	2.87	1.43	3.49	1.46	n.s.
9 Faço batota se ninguém der por isso	2.96	1.37	2.49	1.41	n.s.
10 Por vezes tento enganar os meus adversários	3.44	1.21	3.14	1.41	n.s.
11 Estou sempre a pensar em como melhorar	4.65	0.55	4.43	0.76	**
12 Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	3.87	1.06	3.92	1.04	n.s.
13 Por vezes é preciso fazer batota	2.62	1.37	2.41	1.30	n.s.
14 Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	3.45	1.40	3.45	1.32	n.s.
15 Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	4.55	0.79	4.59	0.64	n.s.
16 Não há problema em fazer batota se ninguém notar	2.56	1.39	2.33	1.40	n.s.
17 Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	4.00	1.28	4.10	0.99	*
18 Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	2.64	1.42	2.55	1.36	n.s.
19 Por vezes faço batota para obter vantagem	2.31	1.29	2.35	1.38	n.s.
20 É uma boa ideia irritar os meus adversários	3.11	1.45	2.92	1.34	n.s.
21 Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	4.49	0.77	4.51	0.70	n.s.
22 Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	4.31	0.96	4.31	0.88	n.s.
23 Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	3.05	1.28	3.22	1.30	n.s.

n.s. (não significativo). \*( $p \leq 0.05$ ). \*\*( $p \leq 0.01$ )

percecionam mais comportamentos de AE e IE (itens 3 e 7). Já os atletas orientados por treinadores experientes referem mais ITG (item 4) o que sugere que os treinadores experientes dão maior importância à correção da execução técnica e menor importância ao aspecto afetivo de encorajamento do atleta.

Os dados obtidos através da observação difere das percepções dos atletas relativamente ao comportamentos do treinador, no que respeita ao AE, à ITE e a IE, com o último tipo de comportamento a ser percecionado mais pelos atletas orientados por treinadores inexperientes, apesar de, na realidade, não existirem diferenças significativas neste tipo de comportamento. Contudo, foi observado que os treinadores experientes demonstram mais comportamentos de IE do que os inexperientes. As diferenças entre os comportamentos percecionados e a observação



**Tabela 3.** Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito da experiência do treinador sobre as respostas dos jovens ao CBAS.

		Inexperientes (n=55)		Experientes (n=51)		P
		Média	DP	Média	DP	
1	...vai-te lembrando as diferentes tácticas que deves seguir? (por exemplo: como defender, como atacar, como te deves colocar...)	4.33	0.64	4.25	0.66	n.s.
2	...felicitas-te quando fazes uma boa "boa jogada"? (por exemplo: roubar uma bola, marcar um cesto...)	4.25	0.89	3.88	0.84	n.s.
3	...anima-te quando cometes um erro? (por exemplo: quando perdes a bola. quando fazes "passos"...)	3.80	0.80	3.27	1.27	**
4	...quando cometes um erro explica-te como o tens de corrigir? (por exemplo: ralha-te, substitui-te...)	3.35	1.35	4.25	0.74	**
5	...zanga-se quando cometes um erro? (por exemplo: ralha-te, substitui-te...)	2.36	0.93	2.80	1.06	n.s.
6	...quando dá uma instrução após um erro, fá-lo fritar ou ralhar?	2.62	0.95	2.80	0.94	n.s.
7	...ignora os erros que cometes? (não faz comentários, nem positivos, nem negativos)	2.18	1.20	1.98	0.99	*
8	...se não estás atento, chama-te a atenção para que escuches as suas instruções?	4.33	0.72	4.14	0.78	n.s.
9	...anima-te?	4.04	1.09	3.78	0.99	n.s.
10	...distrai-se com facilidade? (por exemplo: fala de coisas que não têm a ver com o jogo ou com o treino)	1.82	1.09	1.57	0.99	n.s.
11	...quando faz substituições, dá-te instruções sobre a táctica a seguir?	4.29	1.08	4.27	0.94	n.s.

n.s. (não significativo). \*(p≤ 0.05). \*\*(p≤ 0.01)

podem ser resultado de variáveis inter-individuais dos atletas, como é a idade (Smith *et al.*, 1979), o nível de competição, anos de experiência desportiva entre outras características psicológicas (Horn, 2002).

## CONCLUSÕES

O presente estudo pretendia verificar o perfil comportamental do treinador de jovens com base no seu nível de experiência e a sua influência nas atitudes desportivas e orientações motivacionais, mas acabou por revelar que o factor experiência não é por si só suficiente para definir um perfil, apesar dos subgrupos de treinadores demonstrarem algumas especificidades. Além de que, a experiência enquanto treinador não tem efeitos sobre a comunicação com os atletas em competição. Contudo, é importante continuar a análise comportamental do treinador visto que esta poderá influenciar os cursos de formação de treinadores, bem como acções tutoriais específicas.

Em futuras investigações deve-se continuar a examinar os efeitos da participação desportiva no desenvolvimento do jovem, principalmente as influências que o treinador e colegas exercem sobre o atleta, bem como observar os comportamentos em situação de competição e em contex-

to de treino, recorrendo também a metodologias qualitativas que complementem os dados obtidos através da metodologia quantitativa.

Pela importância pedagógica que o desporto tem, e mais especificamente os treinadores de jovens atletas, é necessário que exista uma relação entre o contexto desportivo e a investigação científica. Neste aspeto, as organizações desportivas podem aproveitar esta relação com o intuito de melhorar a qualidade de intervenção dos treinadores e promover um clima de treino mais positivo.

## REFERÊNCIAS

- Barnett, N., Smoll, F., & Smith, R. (1992). Effects of enhancing coach-athlete relationships on youth sport attrition. *The Sport Psychologist*, 6, 111-127.
- Berliner, D. (1994). *Expertise: The wonder of exemplary performances*. In J. Mangieri, & C. Block, *Creating powerful thinking in coaches and athletes: Diverse perspectives* (pp. 161-186). Fort Worth: Harcourt Brace College.
- Bloom, G., Crumpton, R., & Anderson, J. (1999). A systematic observation study of the teaching behaviors of an expert basketball coach. *The Sport Psychologist*, 13 (2), 157-170.
- Boixadós, M., & Cruz, J. (1995). *Construction of a fairplay attitude scale in soccer*. Proceedings of the IX European Congress on Sport Psychology (pp. 4-11). Brussels: Belgian Federation of Sport Psychology.
- Duda, J. (1989). Relationship between task and ego orientation and the perceived purpose of sport among high school athletes. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11, 318-335.
- Duda, J., & Nicholls, J. (1992). Dimensions of achievement motivation in schoolwork and sport. *Journal of Educational Psychology*, 84, 290-299.
- Dunn, J. G., & Dunn, J. (1999). Goal orientations, perceptions of aggression, and sportspersonship in elite male youth ice hockey players. *The Sport Psychologist*, 13 (2), 183-200.
- Fry, M., & Duda, J. (1997). A developmental examination of children's understanding of effort and ability in the physical and academic domains. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 68, 331-344.
- Gonçalves, C. E., João, M., & Silva, C. E. (2010). Efeito da experiência do treinador sobre o ambiente motivacional e pedagógico no treino de jovens. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 15–26.
- Hardy, L., Jones, G., & Gould, D. (1996). *Understanding psychological preparation for sport*. Chichester, UK: John Wiley & Sons.
- Horn, T. (2002). *Advances in Sport Psychology*. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc.
- Horton, S., Baker, J., & Deakin, J. (2005). Experts in action: a systematic observation of 5 national team coaches. *International Journal of Sport Psychology*, 36, 299-319.
- Jones, D., Housner, L., & Kornspan, A. (1997). Interactive decision making and behavior of experienced and inexperienced basketball coaches during practice. *Journal of Teaching in Physical Education*, 16 (4), 454-468.
- Jones, R. (2006). *The Sports Coach as Educator – Re-conceptualising sports coaching*. Routledge.
- Landis, J., & Koch, G. (1977). *The measurement of observed agreement for categorical data*. *Biometrics*, 37, 439-446.
- Lee, M. (1996). *Young people, sport and ethics: an examination of fair play in youth sport*. In Technical report to the Research Unit of the Sports Council. Londres.
- Martha, C., Grélot, L., & Peretti-Watel, P. (2009). Participants' sports characteristics related to heavy episodic drinking among French students. *The International journal on drug policy*, 20(2), 152–60. doi:10.1016/j.drugpo.2007.11.023
- Nicholls, J. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- O'Brien, K. S., Kolt, G. S., Martens, M. P., Ruffman, T., Miller, P. G., & Lynott, D. (2012). Alcohol-related aggression and antisocial behaviour in sportspeople/athletes. *Journal of science and medicine in sport*, 15 (4), 292–297. doi:10.1016/j.jsams.2011.10.008
- Primack, B. A., Fertman, C. I., Rice, K. R., Adachi-Mejia, A. M., & Fine, M. J. (2010). Waterpipe and cigarette smoking among college athletes in the United States. *The Journal of adolescent health*, 46(1), 45–51. doi:10.1016/j.jadohealth.2009.05.004

- Richeimer, P., & Rodrigues, J. (2000). O feedback pedagógico nos treinadores de jovens em Andebol. *Treino Desportivo*, 12, 36-45.
- Sage, L., & Kavussanu, M. (2007). The effects of goal involvement on moral behavior in an experimental manipulated competitive setting. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29 (2), 190-207.
- Smith, R. E., Smoll, F. L., & Cumming, S. P. (2007). Effects of a Motivational Climate Intervention for Coaches on Young Athletes' Sport Performance Anxiety. *Sport Psychology*, 29(1), 39–59.
- Smith, R., Smoll, F., & Curtis, B. (1979). Coach Effectiveness Training: A cognitive-behavioral approach to enhancing relationship skills in youth sport coaches. *Journal of Sport Psychology*, 1, 59-75.
- Smith, R., Smoll, F., & Hunt, B. (1977). A system for the behavioural assessment of athletic coaches. *Research Quarterly*, 48 (2), 401-407.
- Smoll, F., Smith, R., Barnett, N., & Everett, J. (1993). Enhancement of children's self-esteem through social support training for youth sport coaches. *Journal of Applied Psychology*, 78, 602-610.
- Vallerand, R., Deshaies, P., Cuerrier, J., Brière, N., & Pelletier, L. (1996). Toward a Multidimensional Definition of Sportsmanship. *Journal of Applied Sport Psychology*, 8, 89-101.